

**Em busca da casa perdida:
o Club dos Libertos contra a escravidão de Nictheroy
e as territorialidades quilombolas em São Domingos¹**

Ana Lucia Enne²

Uma saga em busca de memórias perdidas

Este artigo é parte de uma longa pesquisa que é filha de um espanto: a descoberta, resultante de uma série de fatores que narrarei aqui, acerca da existência de um quilombo urbano na região de São Domingos, em Niterói, conduzido por um comerciante, João Fernandes Clapp, e sua família, a partir da fundação, em 1881, do Club dos Libertos contra a escravidão de Nictheroy e de uma escola noturna para libertos e escravizados. A busca de informações sobre o chamado Quilombo Clapp e dos endereços em que ele esteve sediado se transformou em uma saga de meses, envolvendo diversas pessoas, locais e instituições, que contarei para vocês. Já começo perguntando: e você, já tinha ouvido falar desse quilombo?

Origem da saga – Fase 1 - Como tudo começou

Pois então, eu nunca tinha ouvido falar até meados deste ano de 2025. Mas antes de começar a desvendar o mistério do endereço do Club dos Libertos e do quilombo Clapp, precisaremos de alguns breves preâmbulos.

O primeiro dele é: quem foi João Fernandes Clapp e por que sua importância era tamanha a ponto de batizar um quilombo?

Eu nunca tinha ouvido falar desse nome e de suas proezas até me deparar com algumas informações sobre ele no livro *As seis vidas de Niterói*, de Victor Melo (2025). Comecei a lê-lo em julho deste ano buscando ideias para o projeto **Acende a luta**, que

¹ Para citar: ENNE, Ana Lucia. Em busca da casa perdida: o Club dos Libertos contra a escravidão de Nictheroy e as territorialidades quilombolas em São Domingos. **Site do projeto Acende a Luta**. Niterói, 2025.

² Jornalista, mestre e doutora em Antropologia pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Professora titular do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e da Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades/PPCULT da Universidade Federal Fluminense. Coordena o LAMI – Laboratório de Mídia e Identidade, o GRECOS – Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade e o projeto de extensão Acende a luta. – anaenneuff@gmail.com

coordeno no curso de Estudos de Mídia da UFF. Trata-se de um projeto de extensão, desenvolvido por discentes de Mídia, Produção Cultural e outras graduações do Instituto de Arte e Comunicação Social/IACS, que visa a construção de memórias para as lutas e movimentos sociais que ocorreram e ocorrem na cidade de Niterói/RJ (se quiser saber mais sobre o projeto, coloquei infos na nota de rodapé abaixo³).

Então, mergulhei na leitura das vidas de Niterói em busca de inspiração e estava lá, aprendendo muito, quando me deparei com informações sobre o Congresso Literário Guarany e o Club dos Libertos contra a escravidão de Nictheroy. Fiquei fascinada com ambos e, a princípio, achei que se tratavam da mesma coisa, mas com ramos diferentes. E comecei nas madrugadas a procurar outras referências e aí que deu-se o rolo: não era fácil achar o que eu procurava e, quanto mais difícil a busca se mostrava, mas eu me motivava a encontrar respostas. Daí, nasceu essa pesquisa, que vem se desenrolando como um quebra-cabeças, um tipo de *quiz* cheio de reviravoltas e surpresas, um vídeo game com etapas, premiações e algumas vidas/horas investidas.

Assim, descobri que o Congresso Literário Guarany, embora muito interessante, era um parceiro do Club dos Libertos e não a mesma coisa.⁴ E que o Club dos Libertos, fundado em 1881, funcionava na rua do Guarany 11 e era liderado por João Clapp. De forma bem resumida, a história de João Clapp é a seguinte: descendente de quackers dos Estados Unidos (grupo religioso que desempenhou forte papel no abolicionismo por lá), Clapp nasceu no Rio Grande do Sul e veio para o Rio de Janeiro aos 11 anos, tendo se estabelecido em Niterói, onde casou, constituiu família e desempenhou parte de suas atividades como comerciante e como militante de causas sociais, tendo sido fundador, além do Club dos Libertos, de uma escola noturna pioneira para escravizados, livres e libertos e de um clube republicano. Mas João Clapp ficou conhecido, principalmente, por ter sido um dos fundadores da Confederação Abolicionista brasileira, juntamente com André Rebouças, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, dentre outros, tendo sido seu presidente por quase uma década. Foi, portanto, uma figura importantíssima na história da abolição, como atestam os trabalhos sobre o tema e os jornais da época.

³ Para saber mais sobre o projeto Acende a luta, acesse nossas redes sociais e site. https://linktr.ee/acendealuta?utm_source=linktree_profile_share&tsid=b0ac0080-5e02-4168-8109-50d0e141504e

⁴ WERHS, 1986. Agradeço ao Centro de Memória Fluminense – CEMEF, que funciona na Biblioteca Central da UFF, em especial aos funcionários Luiz Antônio Lopes David e José Antônio Rodrigues Viana.

No entanto, fora alguns poucos trabalhos e referências acadêmicas e nas redes sociais, pouco encontrei sobre João Clapp. Nome de rua em Ribeirão Preto e em Belo Horizonte e de um CIEP em Campos, e nada mais. Li que morreu em 1902, em Petrópolis, lamentando o esquecimento e a solidão. No Rio, chegou a ter uma rua com seu nome, mas com as reformas no centro a mesma desapareceu.⁵ Em Niterói, onde atuou de forma tão marcante e por uma causa fundamental na história do país, nada de nada: nem uma placa, nem um nome de rua, um monumento, uma referência ao seu nome ou ao Club dos Libertos que criou.⁶

Jogando a expressão “quilombo Clapp” no google, logo entre as primeiras respostas, juntamente com a página sobre João Clapp na wikipedia, encontramos uma entrevista polêmica do historiador Nireu Cavalcanti concedida ao jornal *O Globo* em 2017, em que ele discordava da existência de diversos quilombos urbanos no Rio de Janeiro. Em suas palavras:

“O dono do quilombo do Leblon era José de Seixas Magalhães, um industrial, fabricante de malas, riquíssimo, português, solteirão. O quilombo de São Cristóvão era do sogro do José do Patrocínio, Capitão Emiliano Rosa de Sena. Daí, o famoso quilombo do Capitão Sena. Um outro abolicionista, João Fernandes Clapp, foi considerado dono do quilombo Clapp, que ninguém sabe nem onde era. Esses lugares não existiam como quilombos, pois não tinham escravos fugidos”.⁷

Não vamos discutir, neste momento, estas afirmações de Cavalcanti, embora delas discordemos, e o faremos em outro trabalho. Por agora, vamos nos fixar em um ponto de sua fala, mais precisamente quando, ao comentar sobre o quilombo Clapp, afirmou “que ninguém sabe nem onde era”. Tal observação, embora revele mais desconhecimento do que deveria para um pesquisador do campo, até tem razão de ser. O apagamento da história de João Fernandes Clapp e da sede do Club dos Libertos contra a escravidão de Nictheroy, criado por ele em 1881, favorece a ignorância sobre a localização das atividades de Clapp, sua família e suas redes de atuação pela causa abolicionista, incluindo as possibilidades de compreendê-las como um quilombo tanto no sentido territorial quanto simbólico.

⁵ Agradeço aos meus irmãos Deborah Enne e Luiz Eduardo Enne por terem apoiado essa pesquisa e contribuído com informações fundamentais.

⁶ Conversando com Paulus Clapp, trineto de João Clapp, ele me contou que a família, no decorrer das gerações até a atual, também se ressentiu desse injusto esquecimento. Entrevista via meet em novembro de 2025. Agradeço imensamente ao Paulus por seu apoio a essa pesquisa.

⁷ CÂNDIDA, Simone. “Pesquisador derruba mitos históricos da cultura negra do Rio”. *O Globo*, 10/10/2017. <https://oglobo.globo.com/rio/pesquisador-derruba-mitos-historicos-da-cultura-negra-do-rio-21947917>, consulta em novembro de 2025.

Nos muitos artigos que lemos sobre João Clapp, o Club dos Libertos e as atividades pró abolicionismo que ele empreendeu em Niterói na década de 1880, somente em um trabalho encontramos uma indicação acerca de sua localização (falaremos com mais calma sobre este trabalho adiante). Nos demais, ou há uma omissão quanto a esse dado ou há indicações acerca de sua não identificação em termos precisos.

Comecei a me inquietar: mas, gente, por que esse apagamento? Onde funcionava esse Club e esse quilombo? O que eles realizavam? Essas inquietações me atravessaram profundamente e comecei a investigar tudo que eu podia sobre João Clapp e sobre suas atividades, de forma apaixonada e levemente obsessiva, como só as temáticas que nos pegam na veia são capazes.⁸ Daí surgiu essa pesquisa, que está resultando no evento que estamos realizando no **Acende a luta** no dia 14 de novembro de 2025 (obrigada aos alunos Julia Soares, Julia Souza, Romulo Magalhães, Tacyo Alves e Wallace Silva, o entusiasmo de vocês pelo projeto foi lindo de ver e me incentivou muito), na produção deste artigo que aborda a busca pelos endereços em que funcionou o Club dos Libertos e na elaboração de um livro, que está em fase adiantada de escrita, contando a história toda, de João Clapp, de sua família, do Club dos Libertos, da escola, da Confederação Abolicionista e dos processos de apagamento desse importante quilombo urbano na cidade de Niterói. Como dizem meus alunos, vai ser babado!

Por agora, para deixar todo mundo com gostinho de quero mais, vamos, neste artigo, desvendar alguns mistérios. O primeiro deles: onde diabos ficava essa rua do Guarany, sede primeira do Club dos Libertos, que ninguém conhece e não aparece nos mapas?

Saga fase 2 - em busca da rua perdida

Rua do Guarany ou rua Guarany ou rua do Guarani. O que eu sabia: existiu (achei registros jurídicos e depois inúmeros registros em jornais⁹); que ficava em São Domingos; que tinha sido a sede do Club dos Libertos no número 11; e que não estava nem nos mapas nem nos registros da prefeitura de Niterói. Para confirmar esta última constatação, depois de fuxicar muito nas redes digitais, fui diretamente na fonte: Secretaria de Fazenda,

⁸ Agradeço especialmente à Denise Luz e à minha mãe Maria Lucia Enne, e também à Thaysa Lopes e Melissa Villela pelas horas intermináveis em que falei sobre essa pesquisa. A escuta e apoio de vocês foram muito importantes. Denise, inclusive, foi também coautora em muitos momentos desta produção.

⁹ Todas as fontes mencionadas aqui estarão disponíveis no livro que estamos escrevendo.

Unidade de Urbanismo (UDU) e Arquivo de plantas, três setores da prefeitura. Em todos, a resposta se repetia: não há nenhum registro sobre essa tal rua do Guarany. Funcionários solícitos e prestativos, mas em geral arquivos incompletos e superficiais. Fica aqui a pergunta: como os registros da cidade desconhecem uma rua que teve, como constatamos, enorme importância por décadas? Mas sigamos com a saga antes de partilhar nossas descobertas ou nossa frustração diante de tantas memórias encobertas.

Já estava quase desistindo depois de madrugadas a fio (porque aqui fazemos pesquisas nas brechas entre nossos inúmeros afazeres na universidade) olhando mapas e fontes, até que, por curiosidade, me deparei com o blog do Ale Porto, em que o autor posta documentos e textos sobre Niterói antiga. Um dos artigos era sobre a reforma do cais de São Domingos (“cães”, na grafia original), realizada em 1908, e resolvi ler para entender esse processo. E eis que de repente, *fiat lux*:

Ao longo do cães foram construídas três rampas também de concreto armado. Os melhoramentos ali constaram ainda de calçamento a paralelepípedos comuns, sobre lastro de pedra britada e areia em toda a zona comprehendida entre a praça Leoni Ramos e o forte, abrangendo, portanto, as ruas Guarany e Coronel Tamarindo.¹⁰

Dali compreendi que a rua Guarany era, na verdade, a atual Alexandre de Moura, situada em frente à UFF. Depois encontrei confirmação acerca dessa descoberta em alguns mapas e fontes. A rua perdida estava bem diante do nosso nariz. Agora ia ser fácil, pensei. Basta procurar o número 11 e prontinho, missão cumprida. Ai, ai... garoteei!

Saga fase 3 – em busca da primeira casa perdida, a da rua do Guarany, 11

Porque eu achava tudo, menos essa bendita casa número 11. O Google Maps me mandava pra dois lugares: ou a casa ao lado da Igreja de São Domingos, que não tinha número na porta; ou a casa de número 15 na atual Praça Professor Adelino Magalhães, no trecho depois da rua Passos da Pátria. Daí começou a chover dúvida: o que seria a rua do Guarany original? Pegaria o trecho da Praça Leoni Ramos? Pegaria o trecho da Praça Professor Adelino? Será que a notícia estava correta? Eu precisava de outras fontes e aos poucos fui encontrando referências em mapas e projetos de Geografia (mais um salve para Luiz Antonio e José Antonio, parceiros do CEMEF). A rua do Guarany era a atual

¹⁰ “Vamos passear no novo cães do Gragoatá?”. Blog de Ale Porto. <https://www.aleporto.com.br/blog/?id=132> – consulta em outubro de 2025.

Alexandre de Moura mesmo e, ao que parece, ia da Praça Leoni Ramos até a rua Passos da Pátria (segundo o Almanak Laemmert) ou até o Castelinho (segundo alguns mapas), já na Coronel Tamarindo (antiga rua do Gragoatá, nome pelo qual a rua do Guarany também chegou a ser chamada, ou rua da praia do Gragoatá). Mas e a casa 11?

Eu sabia que as casas tombadas na quadra ao lado da Igreja de São Domingos de Gusmão eram números 1, 3, 5 e 7 (imóveis hoje de propriedade do dono do restaurante tio Cotó. Na casa 7, anteriormente, funcionou o restaurante Vila Rica e o clube náutico Audax, nos anos 1940). Na Secretaria de Fazenda, na prefeitura velha, nenhum registro sobre a 11. Me encaminharam para o Departamento de Urbanismo, na prefeitura nova. Chegando lá, na UDU a resposta que obtive foi a de que somente esses quatro números tombados existem nos registros atuais. Portanto, meu primeiro raciocínio foi de que aquela quadra terminava no número 7 e que talvez a Igreja, sediada no número 29, que havia sofrido uma reforma importante em 1908 e sido ampliada, tivesse incorporado o número 11. Partiu Igreja, então, em busca de informação. O funcionário me desapontou: lá sempre foi número 29 e qualquer dado sobre o terreno teria que ser obtido no Bispado. Comentei que estava diante de um mistério, pois a quadra anterior terminava no número 7, e para minha surpresa o funcionário, seu Gilmar, a quem agradeço, me disse que havia conversado com o proprietário da casa ao lado, pelo telefone disponível na placa de Aluga-se, e que ele havia dito que o número lá era o 13.

Voltei na prefeitura. Nenhuma informação sobre o 13. Me encaminharam para o setor de Arquivos de plantas, lá no fim do Caminho Niemeyer. Novamente, funcionários prestativos repartiam comigo seu espanto com as informações que eu apresentava e com a falta de materiais de comprovação sobre o que eu procurava. Só não saí de mãos vazias porque consegui interessantes plantas da região, que me permitiram algumas conclusões fundamentais, como veremos a seguir.¹¹

Voltando à saga, resolvi seguir a dica de seu Gilmar e tentar contato com o proprietário via whatsapp. Muito prestativo, um dos donos do imóvel, o senhor Lício Batista Ferreira, me contou um pouco da história do mesmo, que foi adquirido pelo seu avô na década de 1950 e que havia sido alugado anteriormente pela Mineira Gourmet, mas que desde a pandemia estava fechado e havia sido muito depredado por sucessivas

¹¹ Agradeço aos funcionários Felipe Panuncio e Larissa Moraes Lessa, do Arquivos de Plantas (localizado no Caminho Niemeyer), e Giovana, da Unidade do Departamento de Urbanismo – UDU (situado no 13º andar do prédio da prefeitura nova), ambos órgãos da Prefeitura de Niterói.

invasões. Ele me disse não saber se a casa, realmente a de número 13, havia incorporado a 11 (o que fazia cada vez mais sentido, pois nessa conversa descobri que a casa do lado, à esquerda, era a 9, com menos de quatro metros de frente, e a 13 tinha 8 metros de frente, o que possibilitava a inferência de que ela podia ser uma dobra de dois lotes), mas me deu uma informação importante: que o registro do imóvel se encontrava no Cartório do 2º Ofício, localizado na rua Miguel de Frias em Icaraí. E foi para lá que rumei quando tive uma nova brecha de horário.

Novamente, funcionários prestativos e partilha de espanto e curiosidade com os fatos que eu apresentava (fiz questão de contar para todo mundo que me atendeu do que se tratava a pesquisa)¹². Mas, em termos práticos, as consultas que fiz no cartório me custaram cerca de 200 reais e me trouxeram como resultado concreto: nada de informação sobre a casa número 11. A casa 13, definitivamente, não havia incorporado esse outro lote.

Enquanto isso, seguia pesquisando nas redes, acadêmicas ou não, trabalhos que abordassem os temas que envolviam a pesquisa. Foi aí que cheguei à dissertação em Geografia pela UFF de Simone Antunes Ferreira (2021). Nela, a autora aborda os marcos da cultura negra em Niterói e dedica uma parte específica ao Club dos Libertos de Niterói. E pela primeira vez encontrei uma citação que referendava o que eu estava intuindo acerca da localização original do Club dos Libertos:

“Em contrapartida, com a criação do “Club dos Libertos” também houve um grande movimento abolicionista pós-1881, idealizado por João Fernandes Clappe. Segundo Casadei (1988), a escola, localizada na rua Guarani nº11 (atual rua Alexandre Moura, bairro São Domingos, no prédio que atualmente abriga o restaurante À Mineira), tinha como lema “Liberdade e Instrução”, e como objetivo, libertar o maior número de escravos possível”. (FERREIRA: 2021,101)¹³

Tínhamos ali o respaldo de uma fonte acadêmica. Mas ainda pairavam dúvidas, agravadas pela falta de materialidade sobre essa localização, pela ausência de documentação nos órgãos públicos e pelas informações truncadas que encontrávamos em mapas e fontes. Assim, fomos ao Departamento de Preservação e Reabilitação do Patrimônio Cultural - DEPAC, ligado à Secretaria de Cultura de Niterói, instalado no Solar do Jambeiro e sede dos documentos ligados aos tombamentos. Novamente,

¹² Agradeço especialmente ao escrevente Leonardo Ribeiro.

¹³ Em conversa informal via whatsapp, a pesquisadora Simone Ferreira nos disse que no momento em que realizou sua pesquisa de mestrado, essa foi a conclusão a que chegou, mas que agora, com novas fontes, não indicaria a localização exata do Club dos Libertos, mas sim que ele estaria situado na região mais próxima entre a praça e a igreja.

funcionários prestativos e interessados na nossa busca, mas nenhuma resposta concreta.¹⁴ Mais uma vez, uma constatação que lamentamos: a historicização dos bens tombados é muito superficial e merecia um investimento muito maior, porque, como Julia Souza diz no roteiro do vídeo que lançamos sobre essa saga no *Acende a Luta*: “Niterói preserva muita fachada, mas pouca memória”.¹⁵ Infelizmente, nossa busca nos mostrou que essa é uma realidade que precisa ser melhorada para que de fato seja possível pesquisar a história da cidade e construir projetos de futuro que contemplem todos os sujeitos e suas lutas. Mas esse papo isso fica pro final do nosso artigo e, mais profundamente, pro nosso livro. Por agora, voltemos à busca da rua Guarany número 11.

Foi pesquisando nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional, em sua Hemeroteca, que encontramos, em jornais da época, algumas fontes que nos permitiram seguir em busca da localização dessa casa, em especial no jornal *O Fluminense*. Foram dias e dias e noite e noites vendo jornais antigos, de 1850 a 1930, usando combinações de palavras-chave, em uma verdadeira caça ao tesouro.

As dúvidas pululavam. Seria a casa 13? Como ter certeza disso? Um mapa obtido no setor digitalizado da BN nos indicava outro lugar para a rua Guarany, no trecho que hoje tem o nome de General Osório e que é ocupado pela sede da Enel. O que haveria ali? Um número 11 desaparecido (porque plantas antigas indicam a existências de várias casas naquele trecho que foram demolidas para a construção do enorme prédio)?

No mesmo *O Fluminense* em que achamos as pistas tão valiosas que citamos acima, surgem arapucas irresolvíveis: olhando o mapa atual da rua Alexandre de Moura e sua numeração, que em muitos casos parece corresponder ao descrito no jornal no século XIX, não encontramos diversas residências que são citadas nas matérias nas décadas de 1890 e 1900, como os números a seguir da rua Guarany: 15 (onde em 1889 funcionou uma casa de “seccos e molhados”), 17 (que, segundo notícia de 1894, faz canto com a Travessa dos Correias, atual Travessa Alfrado Azamor, o que modifica totalmente a atual numeração e suas quadras), 19 e 21 (em notícia de 1904, citados como terrenos da Irmandade de São Domingos), 23 (que foi a leilão em 1897), 25 (em que a empresa “Distilação Fluminense” operava em 1894 e também em 1899), 27 (na qual, em 1894, funcionou uma fábrica de vinagre e, em 1905, uma oficina de construção naval), 29

¹⁴ Agradeço especialmente aos funcionários Rafael Agnese e Fernanda Melegari e à diretora Fernanda Couto.

¹⁵ Link

(anúncio faz referência à “casa de família”, portanto, nem sempre a Igreja foi sediada no número 29), 33 (na qual se estabeleceu, em 1901, o Colégio Nossa Senhora das Dores do Gragoatá, voltado para educação de meninas e que depois, em 1905, migrou para o número 15 sobrado), 35 e 37. Ou seja, são inúmeras citações a números não encontrados, o que dificultava muito a afirmação categórica acerca da localização da casa número 11.¹⁶ Parte desses números podem ser encontrados na Praça Leoni Ramos, que antes era chamada de Largo de São Domingos. Outros constam na numeração da Praça Professor Adelino e mesmo na Coronel Tamarindo, outrora rua do Gragoatá. A ausência de fontes seguras deixou constantemente a pesquisadora com a pulga da dúvida atrás da orelha.

Duas informações acabaram sendo reveladoras, umas delas também assustadora: a) em 1911 a rua mudou oficialmente de nome, de Guarany para Alexandre de Moura; b) e em 1912 um projeto de lei alterou a numeração dos imóveis praticamente de toda a cidade de Niterói. E a partir especialmente de 1914 já é comum encontrarmos, nos jornais, referências a números antigos e modernos. E é uma maluquice esse sistema de renumeração. Mais uma vez, nos causa profundo espanto que não exista na prefeitura nenhum mapa ou registro de equivalência entre esses números antigos e os novos. Olhando as fotos antigas (acabei comprando lupas para isso) e comparando com as imagens atuais (muitas vezes indo olhar pessoalmente caminhando pela rua Alexandre de Moura e em muitas outras examinando via google Docs, uma formidável ferramenta de auxílio à pesquisa territorial), consegui identificar que as casas dos antigos números 25 e 27 (graças aos letreiros da “Distilação Fluminense” e “Fábrica de Vinagre”) se tornaram os números modernos e atuais 45 e 47, e que o número antigo 33 virou o atual 53. A partir dessas duas referências (e de algumas informações obtidas nos jornais sobre as casas que faziam esquina com a rua Passos da Pátria, por exemplo), fui capaz de refazer, de forma aproximada, a numeração original da rua e compará-la com a atual.

Pronto, está explicado o porquê do sumiço de alguns números e o aparecimento de outros modernos sem que as casas, no geral, tenham sido demolidas ou novas sido criadas. Mas nada de número 11! E agora, como achar essa casa? Nesse momento, pensei em desistir, a empreitada tinha se transformado em uma corrida maluca.

Mas eu não me conformava. O apagamento acerca da casa 11 era o mais impressionante, segundo nossas pesquisas. É a numeração mais citada na pesquisa em O

¹⁶ Há ainda uma referência a um Becco do Guarany em São Domingos em 1881, mas não achamos qualquer informação sobre esse logradouro.

Fluminense acerca da rua do Guarany. Além de ter sediado o Club dos Libertos contra a escravidão, o que, por si só, em função da sua evidente importância histórica, já justificaria o esforço de preservar sua memória, foi ainda um espaço de múltiplos usos em diversas épocas. Foi residência (especialmente no sobrado, com inúmeros proprietários e inquilinos), sede da quermesse para angariar fundos para a reforma da “capella de São Domingos” (1897) - inclusive a proprietária, Ambrozina Guimarães, também dona do número 13, era juíza de Devoção da irmandade de São Domingos -, quitanda (1897), armazém de madeiras (1903), sede do Hebe Clube (1904), fábrica da cerveja Teutonia e ponto de venda da Água de Santa Tereza sob administração de Spachmann (1906), sede de um Grêmio literário (1906), depósito da Brahma sob a propriedade do mesmo Spachmann (que passou o negócio adiante depois de um pequeno incêndio no prédio em 1907), sede do Cinematographo São Domingos (1907) e sucursal dos Telégrafos (1909), dentre outras descrições. Era descrita como um “magnífico sobrado” e nas matérias sobre as cerimônias do Club dos Libertos é possível perceber suntuosidade e opulência. Onde então teria ido parar aquela casa?

Como pode uma casa de tamanha fisicalidade e importância ter simplesmente desaparecido? E onde foram parar aquelas tantas outras citadas acima? Uma outra hipótese me ocorreu: e se a casa ficasse no meio da quadra, somente com a entrada pela rua do Guarany? Isso poderia ser possível, porque acontece com outros números. Olhando no google docs a imagem em satélite, vemos uma série de construções no meio das quadras que ficam entre as ruas Alexandre de Moura e do General Osório. E para nos confundir ainda mais: quando clicamos em uma delas aparece o número 11!!! Mas sem entrada lateral! O mistério só aumentava.

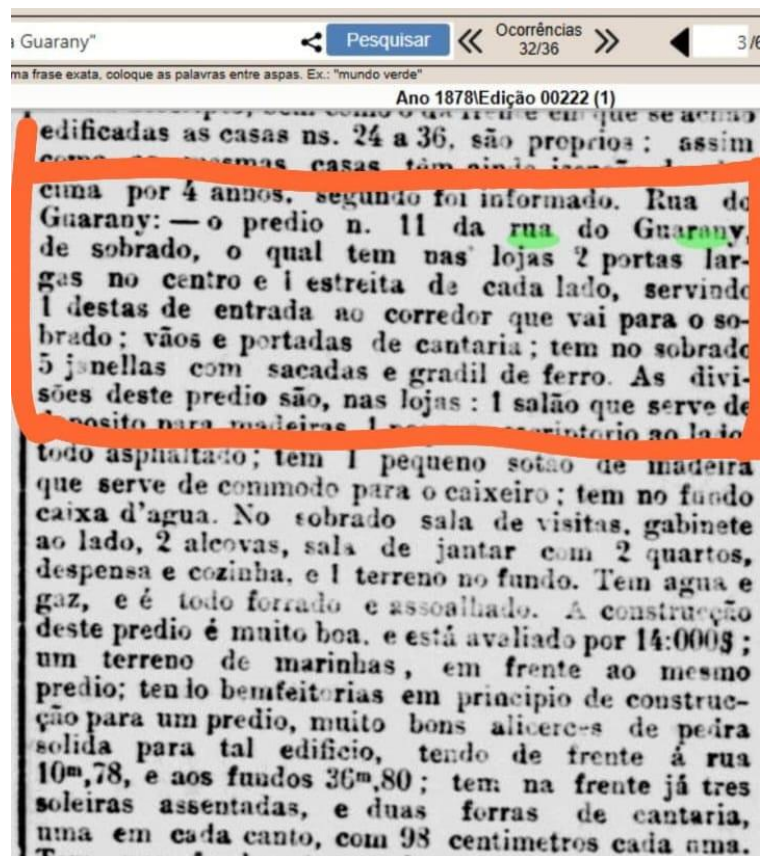
Essas duas hipóteses (a de ser a casa 13 ou estar localizada no meio da quadra) ganharam ainda mais força quando encontramos estes registros em O Fluminense: a) em 1885, anúncio indicando que a casa 11 se situava “perto da Capella de S. Domingos”; b) em 1886, outro anúncio indicava uma proximidade ainda maior: “junto a capella de São Domingos”; c) em 1898, um anúncio de aluguel do sobrado 11 indicava que quem estivesse interessado deveria tratar “no prédio junto, n. 13”.

Ou seja: a casa 11, existente, ficava próxima à Igreja e junto à casa 13. Nossas pistas estavam nos conduzindo ao lugar correto, mesmo que ainda impreciso. Resolvi me conformar, já eram meses nessa busca. De qualquer forma, mesmo que não tivéssemos ainda total confirmação acerca desse endereço, termos encontrado as referências ao

número 11 nos permitiram vislumbrar muito acerca da importância deste imóvel na vida de São Domingos e da própria Niterói nas décadas finais do século XIX e início do século XX.

Cheguei em sala na turma do Acende a luta e comuniquei isso ao grupo, todo mundo concordou que a missão já estava pra lá de impossível. Até porque, como me lembrou Pedro Aquino, aluno do curso, quando Niterói retomou, nos primeiros anos do século XX, o estatuto de capital (que havia perdido para Petrópolis em razão da Revolta da Armada), veio com tudo na sanha modernizadora, derrubando prédios (vide o Palacete de Dom João, no Largo de São Domingos, demolido em 1904), criando praças e ruas, trocando números, criando uma “nova Niterói”.

Quando voltei para casa naquela noite, vim que com isso na cabeça. Alunos são sempre interlocutores mágicos. Eu estava procurando respostas a partir de 1880, quando o Club de Libertos foi criado, e no decorrer do século XX, quando as casas mudaram de numeração. E se eu fosse para trás, para a década anterior, será que eu encontraria alguma pista? E lá fui eu em busca de alguma informação sobre a casa 11 da rua do Guarany jornal a jornal, ano a ano, até que encontrei, em uma edição de 1878, um informe sobre um leilão de imóveis pertencente ao inventário de Manoel Domingues Guerra. Nele, várias casas da Presidente Domiciano foram colocadas à venda (o que também se transformou em uma pista fundamental para a busca da terceira casa desta saga, como contarei adiante) e também um imóvel da rua do Guarany. Sabe qual? A casa 11. Deixa eu contar uma coisa sobre esses leilões de imóveis para vocês: era neles que as casas que seriam vendidas eram descritas, com detalhes. Eu estava diante de um pequeno milagre: uma descrição detalhada daquela bendita casa perdida!



Opa! Já li essa descrição antes, pera lá! Onde mesmo? Lembrei!

culturaiteroi.com.br/blog/depac/457

MENU cultura iteroi

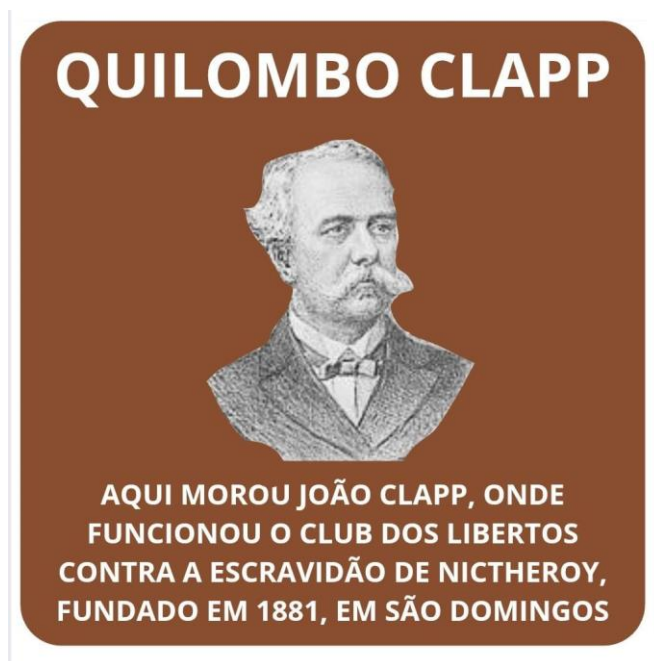
Rua Alexandre Moura, 7 - São Domingos

Os registros históricos indicam que este imóvel em 1926 pertencia a Sr^a Ambrozina Maria Ferreira Guimarães e posteriormente, em 1955, passou ao Comodoro Homero Bittencourt, que ali instalou o Audax Club, importante agremiação de remadores da época.

Característico de meados do século XIX, o prédio é ladeado por outros de mesmo gabarito e época de construção. Possui dois pavimentos e afastamento frontal. A edificação é encimada por platibanda reta, finalizada por cartela decorativa. O primeiro pavimento possui quatro portas, sendo as duas centrais amplas em arco abatido, e as outras duas estreitas, em arco pleno. O segundo pavimento é composto por cinco janelas que são guarnecidas por cercadura de granito e sacadas e gradil de ferro.



Olha o nome da proprietária: Ambrozina! A mesma da casa 11! Olha as janelas, os gradis de ferro. Corri lá, pedi licença ao povo do Tio Cotó, fotografei as portas, tudo batendo! Fiquei louca de alegria, até chorei! Achei a casa número 11, aquela em que João Clapp fundou o Club dos Libertos de Niterói, e ela é hoje a casa 7, tombada pelo município como patrimônio arquitetônico e cultural. Sem saber, a prefeitura até que fez justiça. Agora a gente quer que ela inclua essa informação no processo de tombamento e restitua a memória de João Clapp e do Club dos Libertos contra a escravidão de Niterói!



A descoberta de que a casa era a 7, tão próxima do Palacete onde Dom Pedro II e a família real se hospedavam, reforçava ainda mais nossa percepção do impacto que a criação de um Club dos Libertos contra a Escravidão em um reduto aristocrático da cidade teve naquela sociedade e na luta pelo abolicionismo. Este impacto aumentou ainda mais com a fundação da Escola noturna para libertos, livres e escravizados, em 1881. Em menos de um ano, conforme registros demonstram, a escola noturna chegou a ter mais de cem alunos. E talvez essa demanda tenha implicado na necessidade de se buscar um espaço maior para abrigar especificamente a escola. Sobre esta, não falaremos agora, por questões de espaço e foco, mas com certeza ela será muito detalhada no nosso livro. O que abordaremos aqui, no nosso artigo, é o próximo endereço em que o Club dos Libertos atuou e, com isso, mais uma fase da nossa saga em busca da casa, ou melhor, das casas perdidas.

Saga fase 4 – em busca da segunda casa perdida, a da rua General Osório, 17

Em 1882, notícia de *O Fluminense* informava que a escola noturna para libertos, livres e escravizados mantida pelo Club dos Libertos passou a funcionar neste novo endereço. Há uma longa descrição do estabelecimento na cobertura que o jornal faz da cerimônia de encerramento do ano letivo, bem como da visita da inspetoria às dependências, fortemente elogiadas.

Respirei aliviada: a rua General Osório ainda existe, paralela à rua Alexandre de Moura. Agora há de ser mais fácil...

Mas, surpresa: cadê o número 17? Desapareceu. Na rua, do número 15 há um pulo para o 19. Não era possível, parecia encantamento.

E lá vamos nós na peregrinação: UDU, Depac, sites, mapas, arquivo de plantas. E foi lá, nesse último, que achamos um indício interessante: uma planta de uma reforma no número 17 da rua General Osório, em 1918. Ufa! Existiu, ao menos. Fotografei a planta e, munida desse registro, fui a campo, percorrendo a rua tentando ver janelas parecidas com a da planta encontrada. Nada. Resolvi seguir adiante pela rua Guilherme Briggs, porque como o trecho em frente à Enel se chama atualmente General Osório, talvez a rua tivesse esse nome em outro tempo (novamente, as fontes se contradizem sobre isso e não encontrei mapas ou informações oficiais). E eis que encontro uma janela parecida com a da planta, quase chegando no fim da rua. E para meu espanto e alegria, ela é o número 17, conforme foto abaixo. Talvez essa seja a residência que tenha sediado a escola em 1882.

Case closed? Claro que não. Também a General Osório tem mudanças de números a partir de 1912. E o 17 que passa a ser citado (que creio ser esse reformado em 1918) é o moderno. Ai, caramba, onde terá ido parar o antigo, que provavelmente ficava próximo à igreja (até porque alguns indícios nos mostram que Ambrozina, a proprietária do Guarany 11 e 13, pode ter sido também proprietária da General Osório 17, e que provavelmente são casas do foro da Igreja de São Domingos)?

Resolvi aplicar o mesmo método: achar imóveis que tenham trocado de número, mas que, através de comparações ou fontes históricas, nos permitem mapear sua numeração antiga e a atual. Primeira pista: Recreio de São Domingos, instituição cultural e musical criada em 1873 e só fechada recentemente (outra perda inestimável para a memória da cidade). Sempre funcionou em prédio próprio, de frente para o antigo Largo

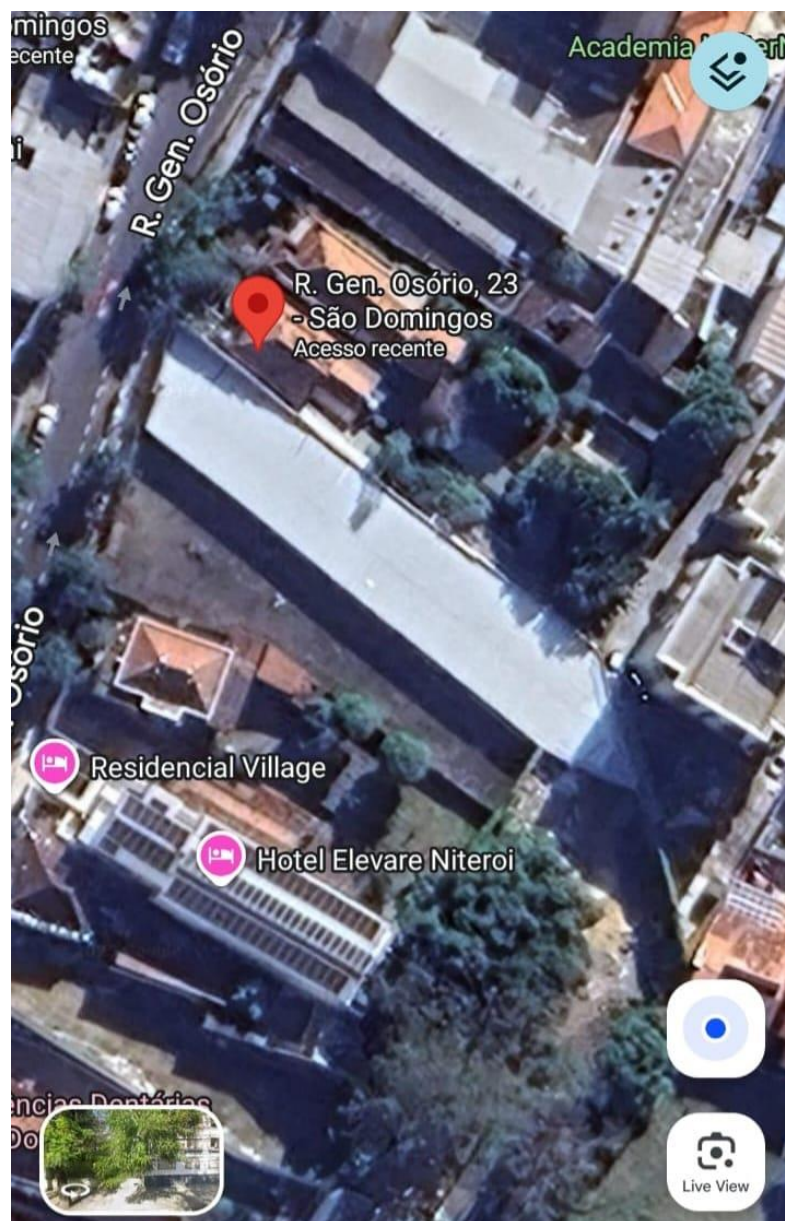
de São Domingos, atual Praça Leoni Ramos, antes no número 7 que foi transformado em 13 após a renumeração. Pronto, tínhamos uma primeira referência. Também encontramos a informação nos jornais de que o antigo 27 havia se tornado o 45. E o prédio tombado pela prefeitura de Niterói na rua General Osório, de número 59, foi antes 33 (para vocês verem a loucura, foi também 12, informação que me foi útil posteriormente, mas olha, Niterói enlouquece a cabeça de qualquer pesquisador).

Coloquei novamente meus pezinhos pra andar, fui num fim de semana em que a região está mais vazia e fui contando casa por casa, aplicando as numerações antigas e novas. E cheguei à conclusão que o número 17 antigo seria hoje o 27 atual, que até o ano passado tinha ainda ruínas de sua fachada e que, recentemente, se transformou nesse absurdo arquitetônico, que descaracterizou totalmente a região.



Uma observação: é possível indicar que o antigo número 17 tenha ficado entre os atuais números 27 e 33, porque o terreno ao lado da casa 27 encontra-se hoje vazio (em 1964, encontramos anúncios de venda de futuros apartamentos que seriam construídos no local, mas pelo visto a obra não se concluiu). Essa hipótese sustenta-se por uma notícia encontrada em 1907, quando, após um assalto em sua residência na Rua José Bonifácio 14, o proprietário achou vestígios e pegadas na parte do terreno que dava para os fundos das casas 15, 17 e 19 da General Osório, que estavam em obras. Olhando uma imagem

obtida por satélite das casas da General Osório, é possível perceber quais seriam esses lotes que fazem fundo com terrenos da rua José Bonifácio, como podemos ver abaixo:



Mas, no entanto, apostamos mais no casarão de número 27, por algumas pistas: a escola mudou de endereço em virtude da necessidade de espaço, então teria que ser um casarão, grande, o que, conforme podemos ver na foto abaixo, projeta-se exatamente no número 17. Além disso, sua localização, em frente à travessa Wisland e muito próxima das casas 11 e 13 da rua do Guarany, ambas de propriedade de Ambrozina, também facilitaria o transitar de Clapp, família e funcionários entre o Club dos Libertos e a escola. De qualquer forma, pretendemos ainda buscar outras fontes oficiais para assegurar a localização precisa desta segunda casa.



Pronto, duas casas encontradas! Agora acabou essa fase da saga de buscar casas perdidas, né? Não, é claro que não.

Porque em 1883, o Club dos Libertos contra a Escravidão mudou novamente de endereço, dessa vez levando sua sede, a escola e a residência da família Clapp para a rua Presidente Domiciano número 6 (alguns registros indicam também as casas 8 e, mais recorrentemente, a casa 10), onde permaneceu ativo até seu fechamento pós Abolição e como residência oficial de João Clapp até sua morte em 1902. Mais uma casa para encontrarmos e só digo uma coisa: agora é que lascou mesmo...

Saga fase 5 – em busca da 3ª casa perdida, na rua Presidente Domiciano 6

Esta rua aprazível, em 1860/1870, era uma região com casas abastadas, mas um forte ar rural, com chácaras, quintais, jardins, pomares. Além disso, era cercada por muitos morros, com mata cerrada, e acessos difíceis para as praias Vermelha e da Boa Viagem, como indicam as imagens disponíveis sobre as ruas Presidente Domiciano, Passos da Pátria e Antônio Parreiras em fins do século XIX e início do XX. Belos casarões começam a ser construídos ali mais frequentemente a partir de 1880, mas o cenário anterior muda pouco, pelo menos até a rua se tornar passagem para os bonds.

É nesse endereço, provavelmente, que o Quilombo Clapp se estabelece como território, abrigando escravizados em fuga, o que seria facilitado pelo isolamento e pelas

condições geográficas daquele novo território, bem menos visível e vigiado do que as casas da rua Guarany e da General Osório. São frequentes, por exemplo, anúncios de fugas de escravizados nos anos 1870 e 1880 em torno da rua Presidente Domiciano, em quantidades muito superiores aos que se referem às duas outras localidades citadas. Também são comuns notícias sobre brigas, arruaças, crimes nesta área, o que vai levar, inclusive, à instalação, por volta de 1900, de um quartel da “patrulha noturna” do segundo distrito inicialmente na casa 7, depois migrando para a 5 e 1.

Só que, infelizmente, a rua Presidente Domiciano perdeu parte de sua extensão e sua relação direta com o mar pela construção do aterro do Gragoatá, que, conforme planta encontrada no Arquivo da prefeitura e datada com aprovação em 1945, seria loteada no projeto imobiliário Jardim Fluminense. O plano não foi adiante (pelo menos em parte da região de São Domingos e do Gragoatá, chegando a ser realizado em alguns trechos e estar sendo agora implementado no projeto de “revitalização do centro” e entorno do caminho Niemayer, o que vale um outro estudo em separado) porque, em 1975, o governo militar desapropriou a maior parte da área aterrada para a criação dos *campi* da Universidade Federal Fluminense. Assim, a rua presidente Domiciano é hoje bem diferente, em uma de suas extremidades, do que foi no século XIX, o que não permite que possamos conferir se os números baixos pares pertenciam a algum dos casarões que desapareceram na desapropriação ou para a construção dos prédios mais novos.

Recentemente, essa era nossa hipótese principal, inclusive porque o Google Maps, quando solicitamos que indique a localização do número 10, aponta para um prédio construído na esquina da Presidente Domiciano com a rua Domingos Sávio Nogueira Saad. No entanto, em nossa última visita ao Arquivo de plantas do município (novamente, no UDU e no DEPAC não encontramos nada relativo a esse endereço), obtivemos uma planta de construção de uma residência no número 10 da Presidente Domiciano em 1929 (vale registrar que o número não consta na planta, mas sim no registro do Arquivo, o que, segundo a funcionária que me atendeu, é a referência principal). Além disso, encontramos plantas do projeto de loteamento do Jardim Fluminense para aquele trecho, o que nos permitiu observar que talvez os números atuais da rua em seu trecho mais conhecido (em que se encontram o Solar do Jambeiro, o Museu Janete Costa e o restaurante Jambeiro, dentre outros bens tombados), que são todos acima de 100, tenham sido atualizados a partir deste projeto de loteamento. Dessa forma, os números atuais não eram os originais

(algo que também precisa ser levado em conta considerando os outros dois endereços que, em nossa saga, buscamos encontrar).

Dessa forma, utilizei a mesma metodologia referente ao endereço da General Osório: fotografei a planta relativa ao imóvel número 10 e saí em busca do mesmo, comparando a imagem do desenho com a arquitetura. Nesse caso, preferi utilizar o Google Maps para esta busca, porque muitas casas na Presidente Domiciano se localizam em uma área alta, não permitindo uma boa visualização a partir do nível da rua. E foi dessa forma que encontrei a casa que teria sido a número 10, que hoje seria ocupada pelo Centro de Evangelização e Formação Divino Mestre. Pela posição ocupada por João Clapp na vida pública e social de Niterói, é provável que ele tenha se estabelecido naquele quarteirão.

Estávamos com essa hipótese em mente quando, em uma conversa com Denise Luz, ela me atentou para o fato do Solar do Jambeiro, hoje número 195, ter sido construído pelo português Bento Joaquim Alves Pereira e depois se transformado no palacete Bartholdi. Checando minhas anotações, vi que tanto a casa originalmente construída por Bento Pereira, quanto o palacete ficavam em numerações pares na rua, com a principal referência sendo o número 2. Isso inicialmente deu um nó na minha cabeça: a presidente Domiciano, portanto, não só teve troca de numeração, como houve uma inversão de lado direito e esquerdo em termos de números ímpares e pares. Provavelmente, a rua seguia essa mão sentido José Bonifácio até Passos da Pátria, o que explicaria a lógica anterior. Mas, para uma pesquisa que dependia de comparar numeração, isso era muito desafiador e quase desanimador.

Mas novamente o anúncio acerca do leilão promovido no inventário de Manoel Domingues Guerra, em 1878, que me permitiu descobrir o endereço correto da rua do Guarany 11, foi de extrema utilidade ao descrever também as casas de número 24 a 36 da presidente Domiciano. Munida de uma trena, do caderno de anotações e da companhia e apoio de Denise Luz, fui até a rua e pude constatar que aquelas casas, que até então eu julgava serem do lado da rua em que se localiza o Museu Janete Costa (hoje números 178 e 182), na verdade se localizavam na calçada do Solar do Jambeiro. E que o número 36 era exatamente o restaurante Jambeiro, última casa do quarteirão já vizinha à Praça Nilo Peçanha (atualmente nº 131). Com essas informações e outras que vim coletando nos jornais, já comecei a ter uma ideia aproximada das numerações originais, auxiliada ainda por uma foto obtida da rua em seus primórdios.



E foi com enorme alegria e surpresa que encontrei, em anúncio de O Fluminense em 1913 e 1915, respectivamente, informações sobre os leilões das antigas casas 8, 6 e 10. E nos anúncios eram citados, ao lado dos números antigos, os números modernos: 8=163, 6=167 e 10=157. Com isso, não só confirmava-se a inversão das numerações pares e ímpares, como era possível indicar, com precisão, onde se localizavam as casas 6 e 8, ainda existentes, e a casa 10, hoje um prédio. Especialmente a casa 6, por muito tempo referente como moradia da família Clapp, sede do Club dos Libertos e da escola noturna, nos interessava fortemente, e ela hoje é ocupada pela CBTEA – Instituto de Neuropsiquiatria.





Esta casa tinha e ainda tem, por fundos, um morro ainda existente, que possui conexão com os fundos de casas das ruas Passos da Pátria, General Osório, José Bonifácio e Lara Vilela. A nosso ver, esse era um território mais favorável à possibilidade de receber escravizados foragidos ou que eram acolhidos a partir de denúncias de violências e maus tratos contra seus “proprietários”, permanecendo sob a proteção do Club de Libertos e da Confederação Abolicionista, que João Clapp presidia, até ser possível a compra da carta de alforria.

Finalmente, tínhamos encontrado a localização precisa das três casas perdidas! E o que fazer a partir disso?

Fechando (ou abrindo ainda mais) a nossa Saga

Depois de intensa peregrinação pelas ruas e repartições da cidade, conforme citamos acima, madrugadas pesquisando fontes na internet, idas ao Centro de Memória Fluminense, à Biblioteca Parque e seu setor de História Fluminense¹⁷, ao Arquivo do Estado do Rio de Janeiro - APERJ¹⁸, ao Museu da Justiça, à Biblioteca Nacional (com seu preciso arquivo digital), dentre outros lugares de memória, construímos um significativo acervo de fontes e documentos para contar não só a história dos endereços onde funcionou o Club dos Libertos em Niterói, mas também a trajetória fabulosa de João Clapp, do movimento abolicionista no Brasil, de Niterói nas últimas décadas do século XIX e da velha província na República Velha. Temos certeza de que o que estamos

¹⁷ Agradeço às bibliotecárias Carla Machado e Joyce pelo apoio na pesquisa documental.

¹⁸ Agradeço especialmente ao funcionário Luiz Alberto Maciel.

construindo vai preencher uma lacuna importante na narrativa sobre a memória do abolicionismo em Niterói e ajudar a compreender o porquê de tamanho silenciamento sobre a história de João Clapp e do quilombo que ele organizou em São Domingos, o que está diretamente relacionado a um apagamento contínuo que a cidade faz de marcos referentes à presença negra na formação da Niterói.

Tenho orgulho dos alunos ligados ao projeto Acende a luta terem encampado com tanto entusiasmo essa pesquisa e elaborado o evento que realizamos no dia 14 de novembro de 2025. Ao colocarmos simbolicamente uma placa em cada um desses endereços, estamos dizendo que sim, o quilombo Clapp existiu, simbólica e fisicamente. Foi quilombo porque abrigou ideias e atividades de resistência e luta contra a escravidão e pró abolicionismo, inclusive com diversos pioneirismos, como a escola, a participação feminina, dentre outros aspectos importantes que estamos aprofundando em nossa pesquisa.

Mas foi também quilombo porque abrigou escravizados em fuga, como indicam várias fontes acadêmicas, porque participou diretamente da compra de centenas de cartas de alforria, porque defendeu escravizados submetidos a maus tratos, porque capacitou libertos e escravizados em sua escola e oficinas, dentro de uma perspectiva de inserção social que a República depois não foi capaz de cumprir, porque intencionou, em seus Estatutos, incluir negros escravizados como sócios, em atitude ousada e censurada, e porque passou a contar, no seu corpo administrativo, com ex escravizados libertos em ação da Confederação Abolicionista e egressos de sua escola.

Assim, podemos afirmar que existiu um quilombo urbano na região de São Domingos, Niterói, na década de 1880. Que podemos chamá-lo de Quilombo Clapp ou Club dos Libertos contra a escravidão. Que sabemos que ele funcionou nos endereços rua do Guarany 11, rua General Osório 17 e Presidente Domiciano 6-10. Que alguns esses imóveis ainda existem, com outros nomes ou características, ou talvez tenham desaparecido enquanto cimento, pedras e tijolos.

Mas como legado todos seguem vivos e é nosso dever fazer com que não sejam esquecidos. Queremos, com esses produtos que estamos criando, manter acesa a história da luta abolicionista em Niterói e da presença de marcos da história negra na cidade. No livro, buscaremos, além de mapear a trajetória de João Clapp, abordar os sujeitos negros que compõem também essa narrativa, desde os abolicionistas como José do Patrocínio e André Rebouças, parceiros de Clapp na Confederação, até figuras importantes na história

do Club de Libertos, como a do negro Abel. É muito bonito e emocionante constatar que o endereço da Rua do Guarany 11, que em anúncio de 1870 em O Fluminense oferecia aluguel de uma pessoa escravizada, dez anos depois iria sediar um Club de Libertos contra a escravidão! Isso precisa ser contado, registrado, lembrado. Essa é a nossa principal intenção e gostaríamos, além de difundir essa importante e fantástica história, sensibilizar a prefeitura municipal e outros órgãos de Niterói para a criação de homenagens a João Clapp e ao Club dos Libertos, mas principalmente, para a necessidade de estabelecer parâmetros mais cuidadosos e includentes para a construção e preservação da memória da cidade.

Por fim, queremos dizer que esta aventura detetivesca tem sido cansativa, mas intensamente prazerosa. Cansativa, porque não é fácil ser pesquisadora nessa jornada acumulada da universidade, em que precisamos nos dedicar ao ensino, tanto na graduação quanto na pós, incluindo as atividades de orientação, docência, participação em bancas e comissões etc., de extensão, de produção e de administração, sempre com falta de recursos e condições adequadas. E também exaustiva pela dificuldade de achar as fontes, especialmente as oficiais. A falta de cuidado com a memória choca e cansa.

Mas, ao mesmo tempo, fazer pesquisa é uma aventura que nos enche de encantamento e satisfação. Cada descoberta, cada elemento encontrado, cada desafio concluído, contribui para formar esse mosaico nunca acabado, porque o passado é sempre construído no presente e nunca recuperado em sua forma “pura”. Eu, como um híbrido de jornalista, historiadora e antropóloga, acho que isso é ótimo e me interessa muito mais esse “rolo” do que uma presunção à verdade. Mas também não posso negar que foi motivo de intensa alegria e emoção achar os endereços exatos nos quais Clapp residiu e presidiu as atividades do Club dos Libertos e da escola noturna, porque também sabemos que a materialidade dos registros é um passo importante para a preservação e manutenção dos lugares de memória e das práticas do lembrar.

Ainda assim, o processo, nesse sentido, me interessa mais do que os resultados, mesmo ficando feliz com a possibilidade de ter identificado as casas nos endereços originais. Porque o processo, essa saga e suas etapas, me permitem observar pontos que considero importantes e que gostaria de listar aqui, à guisa de conclusão:

Em primeiro lugar, a necessidade de construir políticas públicas mais cuidadosas para a área da memória de Niterói, em especial de suas lutas e movimentos sociais. O Acende a luta nasceu dessa preocupação, mas ele é uma fagulha neste processo que

precisa se tornar um fogaréu. Nossas pesquisas indicam muitas lacunas no sistema de arquivo da cidade e apontam para a necessidade de uma urgente revisão com novos investimentos nesse sentido, para de fato termos uma cidade inclusiva e diversa.

Além disso, nos revelam inúmeros processos de disputa em torno do direito à memória e as estratégias políticas do esquecimento, nos lembrando que a memória, enquanto ilha de edição, será objeto de trabalhos diversos por parte dos agentes interessados em seu apagamento ou manutenção. Nos chama a atenção, por exemplo, a “coincidência” do desaparecimento exatamente dos números 11 e 17, respectivamente, nas ruas Guarany e General Osório, mesmo com a nova numeração mantendo os vizinhos 9 e 13, no primeiro caso, e 15 e 19, no segundo. É estranho pensar que exatamente os números que dizem respeito à existência de um clube abolicionista de grande impacto em Niterói, com personagens que tiveram importância e protagonismo na Abolição, tenham desaparecido.

A história de João Clapp, como estamos indicando neste primeiro artigo, sobre as casas perdidas, e futuramente em nosso livro, é marcada por ascensão e prestígio, e depois por apagamento e invisibilidade. Não há registros sobre ele em Niterói, a rua batizada em sua homenagem no centro do Rio de Janeiro desapareceu na reforma da perimetral, os endereços em que ele residiu sumiram de forma material ou simbólica, o projeto de lei para inclui-lo no livro de heróis da pátria, de 2018, não foi adiante, dentre outros indícios de uma quase maldição do esquecimento, incoerente como uma trajetória de engajamento social quantitativa e qualitativamente relevante. Se isso ocorre, como estamos vendo, com um homem branco, de condição financeira abastada, com inserção política, podemos nos perguntar, e talvez imaginar a resposta, o que teria acontecido, em Niterói, com a memória dos sujeitos negros. Assim, podemos citar, a esse respeito, as palavras de Inaê Lopes dos Santos: “na realidade, esta é praticamente uma condição imposta pela lógica colonial e escravista: silenciar os escravizados e organizar os arquivos de maneira que esse silêncio possa ser mantido” (SANTOS, 2025:15).

Por fim, a profusão de endereços e possibilidades para a existência do Club dos Libertos, mais do que apontar com a precisão de uma máquina a localização de um quilombo urbano, nos indica que a região de São Domingos, berço aristocrático da cidade, majoritariamente europeu e branco, foi também território de ações anti escravidão, configurando, mais do que um quilombo milimetricamente localizado, um espaço que contemplava a existência de múltiplas territorialidades quilombolas, espaços de

circulação e práticas de luta e resistência, atravessadas por redes não só locais, mas também provinciais e nacionais. E são essas tramas territoriais que nos interessam mais, porque elas falam de um cotidiano vivo e continuamente inventado por sujeitos históricos que, aqui antes de nós, costuraram essa história da qual hoje somos herdeiros e, a partir de nossas filiações ideológicas, honrar seus legados é nosso dever de memória.

Mas, mesmo com essas considerações, quero voltar a um ponto inicial deste artigo, respondendo a todos aqueles que, como Nireu Cavalcanti, afirmam que o tal do quilombo Clapp ninguém sabe onde é. Agora sabemos, em todas as suas possibilidades, e dá um orgulho danado ter conseguido montar esse quebra-cabeças. João Clapp e todos que dele fizeram parte mereciam. Viva o Quilombo Clapp, da rua Guarani 11, da rua General Osório 17, da rua Presidente Domiciano 6, do bairro de São Domingos, de Nictheroy, capital da província do Estado do Rio de Janeiro, uma cidade elitista e segregadora, mas que sempre foi território de luta e resistência. E nós, do Acende a luta, humildemente agradecemos e pegamos esse bastão, porque aprendemos com Bertold Brechet que “só a luta muda a vida” e que “nada deve parecer impossível de mudar”.

Referências de apoio:

ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. *São Domingos. Berço histórico da Villa Real da Praia Grande e da Imperial Cidade de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 2008.

ALONSO, Angela. *Flores, Votos e Balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, Sirlene. *Liberdade e instrução: o trabalho de João Clapp na luta abolicionista*. 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2019.

CAMPOS, Maristela Chicharo. *Riscando o solo: o primeiro plano de edificação para a Vila Real da Praia Grande*. Niterói: Niterói Livros, 1998.

CASADEI, Thalita de Oliveira. *A Imperial Cidade de Nictheroy*. Niterói, Serviços Gráficos Ímpar, 1988.

FERREIRA, Simone Antunes. *Memórias da diáspora africana: registros e (geo)grafias da presença preta em Niterói*. Dissertação de Mestrado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2021.

MELO, Victor Andrade de. *As seis vidas de Niterói – uma biografia*. Ed. Sophia, 2025.

MONTEIRO, Leonardo. *Abolicionismo em Niterói*. Monografia em História. Rio de Janeiro: UGF, 2004.

OLIVEIRA, Miriam Zanutti. Cristãos no Movimento Abolicionista no Rio de Janeiro do Século XIX: Alice Clapp e os benefícios do cristianismo contra a escravidão. *Annales FAJE*, Belo Horizonte-MG, v. 9, n. 4 (2024).

SANTOS, Inaê Lopes dos. *Irmãos do Atlântico. Escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e em Havana (1763-1843)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.

SILVA, Eduardo. *As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Wladimir. *Escravidão, imprensa e sociedade: o protagonismo feminino na campanha abolicionista*. Programa de Pós-graduação stricto sensu em Relações Etnicorraciais. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014.

SOARES, Emmanoel de Macedo. São Domingos. *Boletim Fatos e Notícias FAN* – Fundação Atividades Culturais de Niterói. Ano II, nº 20, agosto 1986.

VILLELA, Heloísa. O movimento abolicionista niteroiense, o Clube dos Libertos e o projeto de uma creche para filhos de escravos e ex-escravos. Cuiabá, SBHE, UFMT. *Anais do 7º Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2013.

WERHS, Carlos. *Niterói, ontem e anteontem*. Rio de Janeiro: edição do autor, 1986.